O descalabro da saúde pública

SÉRIE DE SÃO PAULO

12 MAI 1990

Pode haver outras. Mas não resta dúvida de que a marca mais trágica de subdesenvolvimento de um país é o desprezo pela vida humana, é o abandono dos enfermos à sua própria sorte. Desgraçadamente, esta é uma chaga que penetra as entranhas da sociedade brasileira, enchendo-nos de vergonha perante o mundo: somos a oitava economia do Ocidente, mas nossas crianças doentes morrem nos braços das mães nas filas dos postos de assistência médica do Estado, antes que recebam qualquer socorro. Eis um doloroso sinal de que algo de muito doente há nesse Estado brasileiro.

A menina Tainá, de quatro meses, que morreu nos braços da mãe há dias, por falta de atendimento no posto médico de urgência do Inamps, em Belo Horizonte, foi o nono caso registrado nesse mesmo hospital, só nas últimas duas semanas! É inacreditável. Em qualquer nação civilizada do mundo, se ocorresse uma tragédia desse tipo, muita gente já estaria atrás das grades, e com certeza por longo tempo.

Os jornais e telejornais têm mostrado cenas dantescas de hos-

pitais abarrotados de pacientes, com corredores cheios e numa situação de carência absoluta em termos de recursos técnicos.

Há poucos dias, reportagem na televisão apresentava a seguinte cena: por não haver maca disponível num corredor de hospital, um policial conduzia moça acidentada nos braços, quando de repente tropeçou e deixou-a cair. Nesse momento, a mãe já desesperada, depois da longa e insuportável espera, passou a agredir fisicamente o policial que ajudava sua filha, atirando objetos e instrumentos, numa fúria absolutamente descontrolada. Em seguida, a mesma reportagem exibiu a fila de mães com filhos cancerosos, à espera de um medicamento que não existia mais no hospital. Depois apareceram hospitais públicos com excesso de leitos ociosos, por falta de recursos para atender aos doentes. E mais equipamentos desativados, enquanto em outros faltavam tanto leitos quanto equipamentos.

A propósito, em meio a grande publicidade, o presidente Collor visitou um hospital em Brasília, onde há dias um menino havia

morrido por falta de atendimento. Só que o hospital em questão teve aviso prévio da visita. Então, os doentes foram retirados dos corredores e a casa foi devidamente "guaribada" para as vistas presidenciais, que acabaram detectando apenas um probleminha relacionado ao relógio de ponto do hospital! Se a visita do presidente teve o objetivo de sinalizar a intenção do governo de estabelecer a prioridade absoluta para a saúde, dentro das diretrizes da administração Collor, nada a opor, pelo contrário. E até a expressão com que o presidente se referiu ao problema, sugerindo ao ministro uma *obsessão* no tocante ao atendimento médico-hospitalar da população, não deixa de ser bem oportuna. Resta esperar, no entanto, que neste campo — como em tantos outros em que o governo se mostra salutarmente "obcecado", como é o caso da reforma administrativa — a obsessão se transforme num avanço concreto, numa modernização completa.

O governo precisa investir na saúde pública como nunca se fez antes no Brasil, porque o descaso pelo setor é fenômeno muito anti-

go entre nós. Seria injusto cobrar apenas dos últimos governos — o de Sarney e o de Figueiredo — a responsabilidade por esse descalabro, que vem de longo tempo. Certo é, porém, que esse setor sofreu nos últimos anos uma deterioração galopante pelo fato de os governos não terem feito investimentos na área, pelo fato de os hospitais privados terem sido estrangulados em razão de repasses feitos pelo governo — por convênios celebrados com o Inamps — em valores muito abaixo da inflação e dos custos.

Há que se observar, finalmente, que deixar que crianças morram nas filas de hospitais por falta de atendimento é claro crime de omissão de socorro, como tal capitulado no Código Penal. Então, não pode o Ministério Público omitir-se de suas responsabilidades. É preciso que a saúde da população brasileira se torne, enfim, uma prioridade número um *mesmo* — e que o Poder Público, neste setor, deixe de significar a maior vergonha nacional e o traço indelével de nosso subdesenvolvimento social, econômico, cultural e moral.